

# Filologia Românica

José Raimundo Galvão



São Cristóvão/SE  
2009

# Filologia Românica

## Elaboração de Conteúdo

José Raimundo Galvão

---

## Projeto Gráfico e Capa

Hermeson Alves de Menezes

## Diagramação

Lucílio do Nascimento Freitas

Neverton Correia da Silva

Nycolas Menezes Melo

Reimpressão

---

Copyright © 2009, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.  
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

### FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Galvão, José Raimundo.  
G182f Filologia Românica / José Raimundo Galvão -- São  
Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD,  
2009.

1. Filologia. 2. Português. 3. Língua Portuguesa I. Título.

CDU 801

**Presidente da República**

Luiz Inácio Lula da Silva

**Chefe de Gabinete**

Ednalva Freire Caetano

**Ministro da Educação**

Fernando Haddad

**Coordenador Geral da UAB/UFS****Diretor do CESAD**

Antônio Ponciano Bezerra

**Secretário de Educação a Distância**

Carlos Eduardo Bielschowsky

**Vice-coordenador da UAB/UFS****Vice-diretor do CESAD**

Fábio Alves dos Santos

**Reitor**

Josué Modesto dos Passos Subrinho

**Vice-Reitor**

Angelo Roberto Antonioli

---

**Diretoria Pedagógica**

Clotildes Farias (Diretora)

Hérica dos Santos Mota

Iara Macedo Reis

Daniela Souza Santos

Janaina de Oliveira Freitas

**Núcleo de Avaliação**

Guilhermina Ramos (Coordenadora)

Carlos Alberto Vasconcelos

Elizabete Santos

Marialves Silva de Souza

**Diretoria Administrativa e Financeira**

Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)

Sylvia Helena de Almeida Soares

Valter Siqueira Alves

**Núcleo de Serviços Gráficos e Audiovisuais**

Giselda Barros

**Núcleo de Tecnologia da Informação**

João Eduardo Batista de Deus Anselmo

Marcel da Conceição Souza

**Coordenação de Cursos**

Djalma Andrade (Coordenadora)

**Assessoria de Comunicação**

Guilherme Borba Gouy

**Núcleo de Formação Continuada**

Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

---

**Coordenadores de Curso**

Denis Menezes (Letras Portugueses)

Eduardo Farias (Administração)

Haroldo Dorea (Química)

Hassan Sherafat (Matemática)

Hélio Mario Araújo (Geografia)

Lourival Santana (História)

Marcelo Macedo (Física)

Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

**Coordenadores de Tutoria**

Edvan dos Santos Sousa (Física)

Geraldo Ferreira Souza Júnior (Matemática)

Janaina Couvo T. M. de Aguiar (Administração)

Priscilla da Silva Góes (História)

Rafael de Jesus Santana (Química)

Ronilse Pereira de Aquino Torres (Geografia)

Trícia C. P. de Santana (Ciências Biológicas)

Vanessa Santos Góes (Letras Portugueses)

---

**NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO**

Hermeson Menezes (Coordenador)

Edvar Freire Caetano

Isabela Pinheiro Ewerton

Lucas Barros Oliveira

Neverton Correia da Silva

Nycolas Menezes Melo

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"

Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze

CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE

Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474



# Sumário

---

<b>AULA 1</b>	
Noções básicas de Filologia .....	07
<b>AULA 2</b>	
Filologia Românica .....	19
<b>AULA 3</b>	
Método em Filologia Românica I: o método histórico-comparativo ....	31
<b>AULA 4</b>	
Método em Filologia Românica II: o método idealista .....	41
<b>AULA 5</b>	
Origem das línguas românicas .....	53
<b>AULA 6</b>	
Fatores da romanização .....	67
<b>AULA 7</b>	
O latim e suas evoluções .....	79
<b>AULA 8</b>	
O latim, o cristianismo e as línguas românicas .....	93
<b>AULA 9</b>	
Línguas românicas na atualidade .....	105
<b>AULA 10</b>	
Leis fonéticas, metaplasmos e alomorfias .....	117



## NOÇÕES BÁSICAS DE FILOLOGIA

### **META**

Compreender a ciência filológica como ponto de partida para os estudos da lingüística românica.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula o aluno deverá:

definir a filologia no contexto dos discursos produzidos pelo ser humano;

reconhecer a correlação entre filologia e lingüística;

discutir as principais teorias em que se baseia a ciência filológica;

conhecer o percurso histórico em que a ciência filológica vai-se definindo.

### **PRERREQUISITOS**

Os prerrequisitos desta aula referem-se à compreensão da terminologia que serve de base à ciência filológica.

Muitas dessas expressões se fundamentam na língua grega e já fazem parte de um contexto em que são empregadas para fazer referência a conceitos específicos.

O certo conhecimento da língua latina vai sendo aos poucos necessário sobretudo a fim de bem compreender o processo pelo qual a língua falada em Roma é levada juntos com os conquistadores nas suas expedições que resultaram na conquista de territórios longínquos e deram origem aos idiomas atualmente denominados de neolatinos, novilatinos, romances ou romanços.

Tal conhecimento diz respeito ao latim básico que lida com elementos estruturais da língua e as transformações que sofreram – de ordem gráfica, fonética, sintática e semântica – no contato com as línguas dos povos conquistados.

A filologia requer que se faça um percurso por elementos da história geral, das culturas diversas, da geografia e das outras línguas sobretudo o grego e aquelas oriundas da evolução do latim.

### INTRODUÇÃO

Habitue-se a relacionar palavras e expressões que já fazem parte do seu vocabulário aos termos ainda desconhecidos. A cada novo termo, busque reconhecer qualquer semelhança fonética ou gráfica com algo que já faça parte do seu saber acumulado. É este um trabalho de *interdisciplinaridade e relações conceituais*. Aos poucos você vai percebendo como as palavras se relacionam quando possuem elementos sonoros e gráficos que se parecem e vai ainda perceber como muitas bases do saber guardam elementos comuns que já entraram na constituição de outras palavras, remetendo ao mesmo significado. Tal procedimento, além de ampliar as perspectivas do léxico intensificando o conhecimento da própria língua, vai ser bastante útil no exercício da filologia românica, fazendo ver a proximidade entre as línguas que guardam uma origem comum.

Desta maneira, para exercitar o processo de associação entre palavras, comece com a palavra FILOLOGIA. Tente compreender este termo a partir de elementos fonéticos e gráficos que você já viu em outras palavras: FIL(OS) (fil) + LOG(IA) (log). Daí em diante, procure perceber as associações de significado entre as palavras, observando, primeiramente, a incidência do elemento FILOS (fil) = *amigo, amante*: FILOSofia, FILAntropia, pedoFILia etc. Em seguida, continue o exercício associando termos da mesma ordem de LOGIA (log) = *palavra, estudo, conhecimento*, e encontrará palavras como socioLOGia, psicoLOGia, LOGoterapia, LOGística etc.

Agora já é possível compreender que a FILOLOGia é a ciência que estabelece amizade (fil) com a palavra (log) e, assim sendo, o FILÓLOGo é, por excelência, aquele que procura aproximar-se das palavras, conhecê-las, explicá-las fazendo desse procedimento uma verdadeira ciência com seus objetivos, problemas, métodos, discursos etc. Como ciência, também abriga uma série de teorias às quais estão ligados estudiosos e especialistas que apresentam suas propostas e descobertas.

Os segredos da língua sempre foram objeto de muita curiosidade e este curso abrande, ao mesmo tempo, uma proposta de análise e crítica textual, buscando no elemento histórico e literário a compreensão dos pormenores que fazem de cada nova língua oriunda do latim vulgar uma estrutura individual recheada de características próprias.

Existe uma certa diversidade na conceituação de Filologia e o seu verbo correspondente *Filologar* e isso atinge sobretudo a determinação de seu campo de atuação e até o seu objeto de estudo.

A terminologia específica, como se frisou acima, remete aos legados da língua grega. Platão e Aristóteles já se referem ao *filólogo*, cuja configuração etimológica de *amigo da palavra* também se observa na filosofia dos estoicos.

O grego concebe o *logos* como sendo *a palavra*, a expressão exteriorizada do *nous*, isto é, *da inteligência*.

Manifestação bastante apropriada do *logos* encontra-se no prólogo do evangelho de João, texto considerado não apenas por sua importância religiosa, mas igualmente filosófica, sendo, por isso, apontado como um dos textos mais belos da literatura universal:

No princípio era **o logos** e **o logos** estava junto a Deus e Deus era **o logos**.

(Complete a leitura substituindo os termos *verbo* ou *palavra*, geralmente usados nas traduções, pelo termo **logos**. Isso lhe dará maior profundidade na compreensão do texto – João 1, 1- 14).

Sabe-se que, pelo menos até o século V a. C., não sendo ainda muito comum o uso da escrita, a palavra (*logos*) possuía uma feição eminentemente ligada à oralidade e, em decorrência disso, o filólogo fazia pensar no bom falante ou ouvinte. A divulgação progressiva da escrita, porém, vai dar ao termo filólogo a conotação de *amigo da palavra falada, ouvida ou escrita*, ampliando-se para designar os que fazem bom uso da leitura e da escrita. A idéia que se vai firmando é de refinamento intelectual, de conhecimentos amplos e específicos no terreno da linguagem, tendo, para tanto, a necessidade do domínio de cultura geral.

Existe, no entanto, um percurso longo até que o termo se afirme na acepção com que é usado na atualidade dos estudos lingüísticos. Este percurso, porém, conhece pequenas sutilezas de significado que não chegam a atingir a essência da compreensão do fenômeno, porquanto as noções de *filos* (amigo) e *logos* (palavra) raramente se ausentam dos termos que vão sendo usados:

Polylogos = o que fala muito.

Braquílogos = o que fala pouco, de maneira concisa.

Philologotera = obras literalmente bem cuidadas.

Philologeín = discursar, dissertar com conhecimento.

Logophilos = em sentido pejorativo, o que diz verborréias.

Philolalos = também de sentido pejorativo, o que fala por falar.

Alguns chegaram a confundir o *filólogo* com o *gramático*, mas uma distinção se impõe ao se ligar o gramático com a preocupação pelas regras do bom falar e não necessariamente com a pesquisa sobre os fatos da língua, sua evolução, sua história, sua relação com outros falares.

Uma preocupação de influência cristã vai insistir nas abordagens etimológicas e sobretudo nos trabalhos de Isidoro de Sevilha (354 – 430) e o estudo da linguagem muito tem a ver com busca incessante das raízes

e significados das palavras, reduzindo-se o emprego do termo *filólogo* no Ocidente, a partir do século VI. A cultura greco-latina começa a ser repensada no contexto cristão e uma nova mentalidade levou os estudiosos a uma visão de mundo em que se priorizavam os interesses do cristianismo e os textos clássicos eram copiados com finalidades didáticas para servirem de modelos estilísticos a serviço de um público bastante reduzido.

Sabe-se que, no século VIII, muitos membros do clero usavam um latim deturpado ao qual a Igreja teve que dobrar-se no uso corrente da língua nos atos litúrgicos. Priorizavam-se, então, os falares das regiões dominadas pelos romanos, na preocupação de fazer chegar a mensagem do evangelho da forma mais acessível e todo e qualquer fiel. Aqui reside um paradoxo: a Igreja, que, até o século XX, tanto contribuiu para a valorização e a manutenção do latim é também a grande incentivadora dos falares românicos, constatando a eficácia da transmissão da mensagem na língua em que melhor fosse entendida.

Até houve, sob Carlos Magno (768 – 814), tentativas de recuperar a derrocada do latim ante as línguas românicas, mas isso se revelou sem grandes resultados, pois a própria Igreja no Concílio de Tours (813) levanta sua voz em favor dos falares do povo. O latim, então, vai seguir o seu curso nos ambientes mais eruditos, nos mosteiros sobretudo, tornando-se objeto de estudos refinados e para domínio de poucos embora não tenha sido totalmente abandonado para utilização do culto e da divulgação de documentos oficiais.

Humanistas e Renascentistas dos séculos XV e XVI retomam a filologia na perspectiva de exploração dos textos clássicos ao lado de toda a valorização da cultura greco-romana. O termo *filólogo* volta a indicar expoentes intelectuais no conhecimento da língua e a novidade é o surgimento de obras em línguas românicas e suas respectivas gramáticas. Surgem também estudos que exploram a questão da origem das línguas, numa visão de que o hebraico seria a língua antiga por excelência, no entanto as teorias nem sempre se apresentam lógicas e conseqüentes, apesar de já se observarem obras que reconhecem um certo entrelaçamento entre as línguas.

Romanos e gregos não demonstram interesses por outras línguas que não a própria, daí a designação de *bárbaros* para os que se expressavam em outros idiomas. Na Idade Média, por causa da valorização do latim, até o grego é reduzido a segundo plano. Também por causa disso, a um certo momento, *o filólogo* é praticamente *o latinista* com uma certa insistência nos estudos dos textos escritos e antigos. O conhecimento de outras áreas do saber vai ser buscado quando o texto específico assim o exigir. Modernamente, outras denominações apareceram: *glotólogos, lingüistas, literatos, gramáticos etc.*

Nos séculos XVII e XVIII outros estudos lingüísticos merecem destaque, a exemplo da *Gramática de Port Royal*, abordando questões de fonética, ortografia e teorias sobre a origem das línguas. Muitos dos elementos

considerados pela ciência lingüística na atualidade não são, de forma alguma, novidade para os estudos anteriores.

O século XIX aprofunda o conhecimento do *sânscrito* e suas relações com o latim e o grego, a língua persa e a germânica vêm ser a contribuição mais significativa para a abordagem das famílias lingüísticas, tendo a hipotética língua Indoeuropeia como ancestral de um grande número ou, praticamente, de todas as línguas faladas no mundo. A grande e valiosa observação é de que as línguas evoluem a partir de ramos mais antigos, verdadeiras famílias que não perdem as características fonológicas, semânticas, sintáticas e gráficas. Estas últimas características, quando se modificam de uma língua à outra, obedecem, geralmente, a determinados critérios que mantêm uma certa regularidade na variação, o que fez com que os estudos fonéticos tivessem grande apreço, na tentativa de, por meio deles, elucidar diferentes fenômenos de similitude entre as línguas.

Outros vários movimentos, correntes e teorias surgiram no fim do século XIX e começo do século XX, mas elas não fazem distinção entre filologia e lingüística. Já se inicia no século XIX o trato científico da linguagem, indo, no início do século XX, ganhar mais impulso com os estudos e teorias de Ferdinand de Saussure (1857 – 1913), o qual, por isso, passa a ser reverenciado como o pai da lingüística moderna. Sua obra póstuma, *Cours de linguistique générale*, foi publicada por discípulos em 1916, com base em notas colhidas durante as aulas.

Muitas teorias modernas sobre a lingüística ainda hoje divulgadas devem-se às observações de Saussure, para quem a filologia é a ciência que estuda textos e tudo quanto for necessário para fazer tais textos acessíveis, muito embora o conhecimento filológico implique a articulação com outras ciências, como *história, geografia, epigrafia, paleografia, hermenêutica, exegese edótica, literatura* etc. Tudo isso exige do filólogo uma erudição bastante vasta, ainda que o ajudem na modernidade a variedade de meios e instrumentos técnicos.

Continua-se, porém, a falar da imprecisão da finalidade e da delimitação da abrangência que sempre foram observadas durante todo o percurso da constituição da filologia como ciência e muitas definições ainda são expressas sob a ótica de cada estudioso do assunto. Ao se falar, por exemplo, da filologia como o estudo geral das línguas, a definição, que também permanece vaga, mais parece referir-se a uma definição de lingüística. Igualmente impreciso e sem limites de abrangência é falar-se da filologia como estudo de todos os discursos que os homens pronunciam ou pronunciaram, ou como o estudo da língua na literatura.

Muitas definições, como se pôde perceber, continuam sem deixar clareza quanto àquilo que realmente se pretende do saber e da prática filológica. Importante é observar as diferentes abordagens e buscar uma síntese que mostre a exclusividade desta ciência, com seus objetivos e métodos, bem como a objetividade na seleção de seus conteúdos, justa-

mente para que não ocorra que se esteja invadindo o território próprio de outras ciências, ainda que afeitas ao trato com a língua.

É preciso que fique bem claro que a filologia somente adquire status de ciência se ela mostrar sua especificidade, sua originalidade e de que forma pode contribuir para o conhecimento das línguas naquilo que não repete o que as abordagens de outras ciências já vêm fazendo com seriedade e mediante os instrumentos com que pode trabalhar.

Em um curso de letras verdadeiramente respeitável, o estudo da Filologia, sobretudo da Filologia Românica, no caso das culturas linguísticas oriundas do latim, merece especial destaque, pois abre perspectivas de percepção da própria língua portuguesa e das articulações que as línguas românicas estabelecem entre si, graças às marcas latinas jamais apagadas e, por extensão, à contribuição do grego e de suas heranças culturais ainda tão visíveis na atualidade.

### CONCLUSÃO

De tudo quanto se disse nesta aula, você pôde perceber as diferentes abordagens para se chegar à conceituação de filologia. Na verdade, não existe unanimidade clara na questão conceitual, mas, em princípio, as considerações tendem a ver na ciência filológica aquilo que a própria etimologia comporta: *amizade pela palavra, pelo logos, a ciência do logos*.

Como também é bastante amplo o conceito de *logos*, importa pensar em comunicação, oral ou escrita, através da qual as pessoas conseguem ler o mundo e transmitir suas impressões na forma do discurso.

Percorrendo os caminhos do tempo, foi possível observar que a preocupação com o dizer, o expressar-se é tão antiga quanto o mundo e, fazendo história, o homem vai tecendo o fio condutor do seu próprio estar-no-mundo.

Assim é que, num determinado momento e por exigência de toda uma bagagem de conteúdo que se foi acumulando, a filologia assume o status de ciência, ao lado de todos os ramos do saber que conseguiram definir o seu problema, os seus objetivos, os seus métodos e um discurso que lhe é pertinente.

Tudo isso vai ser tratado ao longo das onze lições que compõem o presente curso, de fundamental importância para o estudante de Letras. Não há como tratar seriamente a língua portuguesa desconhecendo a sua história, os passos pelos quais foi adquirindo feições próprias a partir do latim vulgar levado nas bagagens dos romanos – soldados, funcionários da administração, comerciantes, aventureiros – os quais, não tendo propriamente uma intenção de cunho linguístico, acabaram por gerar uma revolução neste domínio.

A compreensão da abordagem filológica é o elemento de base para desencadear todo o processo de assimilação dos conteúdos que serão tratados a partir de agora.

Um certo conhecimento da terminologia remete às configurações plantadas no grego e no latim, daí ser necessário ir-se familiarizando e até pesquisando mais profundamente a pertinência desses elementos de base. Como, porém, ficou bastante acentuado ao longo das aulas de latim que dão respaldo aos estudos da filologia românica, não será exigida uma memorização inconstante, mas, pelo contrário, será incentivada uma postura de constante pesquisa, consulta às fontes visando à construção do saber de forma inteligente e articulada.

Vá em frente! E descubra o quanto a ciência filológica tem de fascinante. Procure também executar o trabalho de um filólogo.

Claro que este curso não vai garantir uma formação nesta área, mas é possível que desperte o filólogo que existe dentro de você. Não custa tentar, mas é preciso ter amor e dedicação ao trabalho que esta disciplina exige de você.



## RESUMO

A filologia é a ciência que trata do *logos*, da *palavra* como elemento básico da comunicação humana. A forma atual deste termo e de da do termo Este conceito chegou até nós pela cultura grega, fundamentando todas as abordagens sobre a matéria mediante a compreensão segura dos termos que o identificam. Esta base terminológica, não só neste momento, mas também em outros instantes deste curso vai ser evocada visando à conceitualização a partir da qual os conteúdos se firmam.

Importa também revisar as sutilezas de percepção com que se desenvolvem as teorias em diferentes épocas da história da linguagem; sempre, porém, remetendo a um pano de fundo que é característico de qualquer definição do que seja a filologia: a *amizade* (*philos*) com a *palavra* (*logos*). O que diferencia - falando em linguagem bastante simples - é a profundidade desta amizade (o grau mais ou menos intenso desta relação com a palavra: uns conhecem mais; outros, menos).

Muitas vezes, o recurso aos textos torna-se indispensável para o aprofundamento dos conteúdos e esta busca pelos documentos é muito própria do método histórico-comparativo, que vai ser explanado nas próximas aulas, sobretudo quando se quer perceber as marcas da evolução do latim vulgar em contato com cada região e o seu falar original, antes da chegada dos romanos.

Enfim, após estudar filologia, embora no espaço reduzido de vinte lições, a sua percepção do mundo das letras terá sido ampliada, reconhecendo você mesmo que o título de filólogo não convém apenas a especialistas. Afinal de contas, a *amizade* é uma coisa tão simples, faz tanto bem que vale a pena tentar, ainda que seja com a *palavra*, aparentemente considerada coisa morta e, no entanto, ela move o mundo.

O francês denomina a palavra de *mot*, em português se pede um *note*. Em ambas as designações encontra-se a raiz latina *mot*, de onde surgiram os termos *motor*, *motim*, *motivo*, *emotivo*, *moção* ao *emoção* e vai por aí a viagem com uma única *mot* ivação. Afinal é ou não é a palavra que *move*, que *movimenta* o mundo?

Imagine você aprofundando este tipo de conhecimento, despertando para coisas que você já sabe, mas nunca lhe disseram que assim o era?

Algumas palavras resumem tudo quanto você precisa para ter sucesso nos estudos filológicos: CONSULTA, INTERDISCIPLINARIDADE, DISCUSSÃO COM OUTROS PROFESSORES E COLEGAS. O que menos você vai usar é a DECOREBA, a MEMORIZAÇÃO INCONSEQUENTE, a REPETIÇÃO *IPSIS LITTERIS* DOS CONTEÚDOS ABORDADOS.

É claro que existe algo de fixo (ou melhor, relativamente fixo) que compõe o lastro conceitual de qualquer disciplina; mas, ao lado disso, existe o poder da percepção, da comparação, da capacidade de realizar

novas descobertas, propor novas teorias. A coisa mais observada e mais lamentável nos manuais de filologia românica é, certamente, a intensidade com que os exemplos se repetem de autor para autor, inculcando no leitor, no aluno a impressão de que tais ilustrações são únicas.

Desde o início dos estudos filológicos, reaja contra isso, aprenda a buscar seus próprios exemplos e reconhecer como é vasto o número das ocorrências. Tudo isso, porém, só será possível com o recurso às ciências afins e, como não poderia deixar de ser, com o valioso auxílio do latim, do grego e das outras línguas, as românicas, especialmente.

A filologia é tudo isso e muito mais. Acredite que você já é um filólogo em potencial.

**PROSSIGA! ACREDITE! INVISTA!**

### ATIVIDADES

As questões para avaliação desta aula são muito mais de ordem subjetiva, haja vista a necessidade de reflexão e assimilação dos conceitos que este tipo de conteúdo requer.

Fique sempre atento a que você pode realizar as avaliações consultando os módulos, não só os desta disciplina, mas, igualmente, os de Fundamentos da Língua Latina, pois muitos conteúdos de Filologia vão requerer que se retomem os conhecimentos do latim e até mesmo de outras áreas do saber humano: história, geografia, língua grega, línguas latinas modernas, cultura geral, filosofia, religião, edótica, exegese etc.

- a) Recorrendo à explanação acima, realize uma listagem de todas as bases conceituais usadas para definir o termo FILOLOGIA, bem como outras terminologias que se incluem na ciência filológica. Destaque as semelhanças e diferenças desses conceitos entre si.
- b) Faça uma síntese do percurso dos estudos filológicos ao longo dos tempos, reconhecendo a maior ou menor intensidade no trato dessa ciência.
- c) A Igreja é a grande responsável pela manutenção do latim e da cultura românica até o século XX. Mas a Igreja também contribuiu para o progresso das línguas românicas. **COMENTE ESSAS AFIRMAÇÕES.**



## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

As questões acima avaliam a percepção que você, caro aluno, pôde demonstrar depois de ter lido e relido os conteúdos expostos.

O grau de percepção que você demonstra é um forte elemento para você mesmo, enquanto aluno de um curso universitário a distância, avaliar o seu envolvimento no processo aliado à capacidade de estudar sozinho e tirar suas próprias conclusões. As respostas para as questões propostas estão espalhadas por toda a explanação do conteúdo. Aqui se pede, tão somente, é a realização de um trabalho de síntese, compilação, comparação, uma espécie de exercício menor de tudo quanto você vai precisar fazer ao logo das aulas, haja vista ser altamente investigativa a postura da ciência filológica.

BOA SORTE!

---

O mecanismo de avaliação desta disciplina sugere a construção progressiva de um glossário, que vai formando a partir do conteúdo de cada aula, pois novos termos estarão surgindo, sendo indispensável associá-los entre si e organizá-los em ordem alfabética até o conteúdo da última aula. **ESTA COMPILAÇÃO SERÁ COBRADA DE CADA ALUNO COMO CONCLUSÃO PARA UMA AVALIAÇÃO FINAL NA DISCIPLINA.**

A marca deste trabalho final será o originalidade que cada aluno conseguiu imprimir ao seu trabalho como fruto de sucessivas pesquisas e assimilação dos conteúdos apresentados ao longo das lições. **NÃO, PORTANTO, COMO TER NO FINAL UM TRABALHO IGUAL AO OUTRO.**

**INICIANDO ESTE TRABALHO,** componha você mesmo o glossário que o conteúdo desta aula sugere. Muitas palavras aqui colocadas serão pura seleção dos termos usados na exposição teórica. **ACREDITE QUE VOCÊ JÁ É UM FILÓLOGO EM POTENCIAL! SUCESSO!**

**PALAVRAS SUGERIDAS:**

Filologia / Filólogo / Logos / Epigrafia / Paleografia / Hermenêutica / Exegese / Edótica ou Ecdótica / Polilogia / Braquilogia / Logófilo.

## REFERÊNCIAS

- BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- ILARI, Rodolfo. **Lingüística Românica**. São Paulo: Ática, 2004.
- IORDAN, Iorgu. **Introdução à lingüística românica**. Tradução de Júlia Dias Ferreira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1962.
- LAUSBERG, Heinrich. **Lingüística românica**. Tradução de Marion Ehrardt e Maria Luísa Schemann. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1963.
- VIDOS, Benedek Elemér. **Manual de lingüística românica**. Tradução de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.